

REVELANDO A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE NOVO HORIZONTE: A VOZ DE UM COLONO

Autor: Igor Dionne dos Santos Padovan¹
Coautores: Bernadete Lazarini de Oliveira²
Sunara Gomes de Oliveira³
Cleber Borges dos Santos⁴
Lenice Silvestre Lopes⁵

Resumo: Coube a este trabalho a função de dialogar com um dos pioneiros do Município, questionando seu papel no desenvolvimento desta cidade, sua história de vida e como o Município de desenvolveu. Objetivou-se enfim reconstruir, através da história oral, a memória deste pioneiro, que sempre esteve relegada a segundo plano. Dessa maneira foi possível dar voz a este narrador, permitindo construir a história do Município a partir das palavras daquele que vivenciou e participou ativamente de grande parte da história do nosso município, que junto com sua família desbravou nossas matas. Para esta pesquisa, utilizamos de uma técnica de entrevista a partir de uma narrativa, utilizando do repertório de lembranças deste pioneiro, reproduzindo não somente o seu universo pessoal, mas também as experiências e representações sociais do meio em que viveu e vive. Dessa maneira, neste trabalho, os fatos históricos foram construídos na medida em que conseguimos articular a história oral do entrevistado, com a história oficial. No campo direto com os testemunhos feitos por ele, percebemos que sua falta de eloquência não dificultou o registro dos dados, pelo contrário, a informalidade na sua fala fez com estabelecêssemos uma comunicação franca, aberta, que muitas vezes chegou a momentos de confissão e de cumplicidade, que não foram liberados para divulgação. Foi maravilhoso perceber em seus gestos, tom de voz, expressão facial, ao lembrar de fatos que o fizeram sorrir e outros que o fizeram chorar ao lembrar da perda trágica de um de seus filhos. Enfim, este trabalho nos revelou muito sobre a história oculta do nosso Município.

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado de Mato Grosso do Campus de Juara.

² Professora Mestre e alfabetizadora, efetiva na rede municipal de ensino.

³ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado de Mato Grosso do Campus de Juara.

⁴ Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado de Mato Grosso do Campus de Juara.

⁵ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado de Mato Grosso do Campus de Juara.

Palavras-chave: História oral; Lembranças; Memórias.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta fragmentos de uma entrevista que traz os relatos de experiência de um pioneiro do Município de Novo Horizonte do Norte, onde relata sua história de vida, seu papel no desenvolvimento desta Cidade e como está se desenvolveu. Objetivou-se enfim reconstruir, através da história oral, a memória deste pioneiro, que sempre esteve relegada a segundo plano. Dessa maneira, foi possível dar voz a este narrador, permitindo desenhar o processo histórico do Município a partir das palavras daquele que vivenciou e participou ativamente de grande parte da história diária dos moradores, que junto com sua família desbravaram nossas matas. Desenvolvemos este estudo com enfoque qualitativo.

Para a base desta pesquisa nós utilizamos de um estudo bibliográfico que para Oliveira (2005, p. 41) “[...] é um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Como instrumento de coleta de dados escolhemos a entrevista que segundo Gil (2008, p. 109), “é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. E foi preciso para se chegar ao objetivo da pesquisa a preparação do roteiro de entrevista”.

Com a entrevista, almejamos registrar o repertório de lembranças deste pioneiro reproduzindo não somente o seu universo pessoal, mas também as experiências e representações sociais do meio em que viveu e vive. Dessa maneira, neste trabalho, os fatos históricos foram construídos na medida em que conseguimos articular a história oral do entrevistado, com a história oficial. No contato com o entrevistado, nos testemunhos feitos por ele, percebemos que sua falta de eloquência não dificultou o registro dos dados, pelo contrário, a informalidade na sua fala fez com que estabelecêssemos uma comunicação franca, aberta, que muitas vezes chegou a momentos de confissão e de cumplicidade, que não foram liberados para divulgação.

Foi maravilhoso perceber em seus gestos, tom de voz, expressão facial, ao lembrar de fatos que o fizeram sorrir e outros que o fizeram chorar ao lembrar da perda trágica de um de seus filhos. Enfim, este trabalho nos revelou muito sobre a história, não conhecida, do nosso Município.

RESUMO DA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE MATO GROSSO

O que hoje conhecemos como Mato Grosso já foi território espanhol, levando-se em conta os limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas - pelo qual o Brasil teria menos que 30% de seu atual território. As primeiras incursões no território do Mato Grosso datam de 1525, quando Pedro Aleixo Garcia vai em direção à Bolívia, seguindo as águas dos rios Paraná e Paraguai. Posteriormente, portugueses e espanhóis são atraídos à região, devido aos rumores de que haveria muita riqueza naquelas terras ainda não devidamente exploradas. Também vieram jesuítas espanhóis, que criaram Missões entre os rios Paraná e Paraguai, com o objetivo de assegurar os limites de Portugal, já que as terras estavam nos limites da Espanha.

Foram feitas diversas expedições, entre elas entradas e bandeiras. As entradas eram financiadas por Portugal, partiam de qualquer lugar do Brasil e não ultrapassavam os limites do Tratado de Tordesilhas. As bandeiras foram financiadas pelos paulistas. Somente eles foram ao oeste, ultrapassando a linha imaginária de Tordesilhas.

Durante as bandeiras, em 1718, uma expedição de bandeirantes organizada por Pascoal Moreira Cabral Leme chegou ao Rio Coxipó em busca dos índios Coxiponés e logo descobriu ouro nas margens do rio, alterando assim o objetivo da expedição. Em 08 de abril de 1719, foi fundado o Arraial da Forquilha às margens dos rios dos Peixes, Coxipó e Mutuca.

O nome "forquilha" vem do fato de que, neste ponto de encontro dos rios, era formado o desenho de uma forquilha. Esse núcleo deu origem à atual cidade de Cuiabá. A região de Mato Grosso era subordinada à Capitania de São Paulo governada por Rodrigo César de Meneses para fiscalizar a exploração do ouro e da renda. O governador da capitania mudou-se para o Arraial de Cuiabá, que em 1726 foi elevado à categoria de vila, recebendo um novo nome: Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Em 1748, foi

criada a capitania de Cuiabá, concedendo a coroa portuguesa isenções e privilégios a quem ali quisesse se instalar.

Os motivos pelos quais ocorreram as expedições para o oeste do Brasil são diversos. A coroa portuguesa precisava ocupar as terras a oeste para se defender da ocupação espanhola de oeste para leste e preservar o Tratado de Tordesilhas. As expedições feitas pelos paulistas foram de caráter principalmente econômico: procura por mão de obra escrava indígena e exploração de ouro e pedras preciosas. As monções em 1722 ocorreram com o fim de realizar trocas de mercadorias de consumo por ouro nas áreas de mineração.

HISTÓRIA DE NOVO HORIZONTE DO NORTE - MT

Novo Horizonte do Norte, situa-se ao norte do Estado de Mato Grosso, à 670 km de Cuiabá, com limites ao norte e oeste com o Município de Juara, ao sul com o Município de Porto dos Gaúchos, sendo que os rios Água Boa e Arinos estabelecem divisa com Juara, e os rios Mestre Falcão e Arinos com Porto dos Gaúchos.

Emancipado politicamente em 1986, é um Município pequeno, de aproximadamente três mil e oitocentos habitantes, com maior concentração populacional na área rural, possui uma extensão territorial de 879,662 km² e a economia é baseada na pecuária e na agricultura, sendo a produção agrícola basicamente para subsistência.

No contato com o entrevistado seguimos o processo que Gil (1999, p. 120), afirma:

O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficiente e sutil, para preservar a espontaneidade do processo.

Considerando o objetivo desta pesquisa, e o uso da entrevista oral como instrumento de coleta de dados, todo o registro foi gravado, pois segundo Gil (2008, p. 119):

a gravação eletrônica é o melhor modo de preservar o conteúdo da entrevista. Mas, é importante considerar que o uso do gravador só poderá ser feito com o consentimento do entrevistado. O uso disfarçado do gravador constitui infração ética injustificável. Se a pessoa, por qualquer razão, não autorizar a gravação, cabe, então, solicitar autorização para a tomada de anotações.

De acordo com o autor, a gravação é de fato um excelente instrumento de coleta de dados, esta nos permitiu sentir e participar ativamente das emoções do entrevistado. Quando optamos pela gravação da entrevista não tínhamos noção de que o relato seria carregado de emoções. Como também esperávamos que o fato de ter a fala gravada pudesse inibir o entrevistado; mas não, prontamente a gravação foi aceita e todo o processo ocorreu naturalmente.

A origem do município Novo Horizonte do Norte reside na Imobiliária Mato Grosso Ltda - Imagrol, de José Kara José. O primeiro cidadão a chegar em Novo Horizonte foi Sebastião Martins, caçador de onças, pouco tempo antes da localidade ser colonizada. Sobre sua chegada, foi dito pelo entrevistado o seguinte:

Vimos para cá no ano de 1975, em seis famílias todos no mesmo pau de arara, o caminhão vinha batendo pra todos os lados. Quando nós chegamos aqui não tinha nem estrada direito e a que tinha não passava carro, era estreita e cheia de buraco, as pontes eram dois paus um de cada lado, para as rodas. Procuramos por Novo Horizonte mais ninguém conhecia. Depois que nos disseram que aqui era chamado de sapecado, por que quando foram colonizar essa cidade, tacaram fogo no mato mais por ser mata fechada e verde não queimou nada só sapecou e por isso o apelido.

A cidade é conhecida até os dias de hoje por esse apelido, o que muitas vezes gerou brigas em campos de futebol, ou até mesmo com os habitantes dos municípios vizinhos.

Quando viemos pra cá, o motorista tinha um mapa, mas mesmo assim nos perdemos e do Paraná até aqui demorou doze (12) dias, sendo que era uma viagem de quatro (04) ou cinco (05) dias. Quando chegamos aqui o motorista perguntou, quer voltar pra trás, aí minha mulher garro a chorar e eu fiquei engasgado (nesse momento percebemos que ele quase chorou e seus olhos encheram de lágrimas).

Nesse momento demos uma pausa para o entrevistado tomar fôlego e se recompor de suas emoções afloradas, que atingiu a todos.

Aqui não tinha nada eram só umas casinhas simplesinha, era só mato, quase não tinha estrada. E o pior foi i ver a minha terra, aqui na “Colomalli” (uma comunidade do Município) não tinha nem estrada.

Em 21 de agosto de 1968 a Imagrol deu início à colonização, instalando um escritório de venda de terras em Maringá, norte do Estado do Paraná. De lá veio grande parte das famílias pioneiras, enganadas, com falsas promessas, como o entrevistado diz:

Eu tinha uma terra boa lá no Paraná, o dono da terra aqui de Novo Horizonte do Norte, me prometeu dar as escrituras aí resolvi troca. Como eu não me dava com gente enrolada, eu fui na conversa. Como não tinha costume de lidar com pessoas embrulhão, e acabei sendo passado pra trás, por que me fizeram entrega minha escritura primeiro e não me deram a daqui. Quando foi pra vim pra cá, queria traze minha mudança, que era boa, mais o homem que vendeu a terra pra mim, disse que não precisava, por que aqui tinha de tudo e que era pra mim vende minhas coisas.

A partir de um levantamento bibliográfico, descobrimos que na época haviam muitos anúncios tentadores, de teor apelativo, espalhados pelo país, que divulgavam a grande oferta, procura e facilidade de aquisição de terras mato-grossenses. Conforme vimos em Heinst (s/a, p. 1), estes anúncios mostravam:

Mato Grosso como uma enorme terra fértil a espera de mãos ávidas por trabalho e prosperidade. A intenção é despertar o interesse naqueles que, geralmente, têm uma relação forte com a terra e que, particularmente por esse fato, podem se apresentar mais sensíveis a tais anúncios. (...) As glebas em Mato Grosso são quase sempre imensas. Se em Minas Gerais o alqueire já é a dobra do alqueire paulista, lá então as medidas usuais se fazem por léguas quadradas. Núcleos e empresas colonizadoras aparecem nos mais estranhos e distantes lugares, (...) Os preços contrastam-se violentamente com os que vigoram entre nós, e pode-se adquirir terras devolutas, na região das dúvidas, na Barra do Garças, do Bugre, em Diamantino ou Aripuanã, por mais ou menos 25 cruzeiros o alqueire paulista! Paga-se o corretor, o despachante, paga-se o engenheiro que deve fazer a divisão e fica-se latifundiário de um instante para o outro com menos de dois contos de réis. (...) Qualquer

jornal do interior paulista, ou da periferia mineira insere sempre um aviso das colonizadoras ou dos concessionários autorizados.¹ O Estado de Mato Grosso: Cuiabá, Jornal, 21 de janeiro de 1954, n° 2358, p. 01.

José Kara José se limitou a vender os lotes de terras, destinar uma parte para o Patrimônio Público e dar nome ao lugar - Novo Horizonte. Os colonos teriam de progredir por si mesmos.

Não havia meios de transporte, comunicação, nem médico. Com relação a isso o entrevistado nos disse assim:

Lá no Paraná a firma disse que aqui tinha de tudo e só vim mesmo por causa da firma, por que naquela época não tinha transporte nenhum, quando chegamos aqui vimos que não tinha nada do que tinham prometido pra gente, e eles deixavam nós por conta, não ajudaram em nada, tanto que a gente ficou quatro (04) meses morando debaixo de encerado, sem ajuda nenhuma.

Para compra de gêneros alimentícios as famílias rumavam a Porto dos Gaúchos (Município vizinho – cerca de 18 km), onde abasteciam-se. Em relação a isso ele confirmou dizendo:

Aqui não tinha criação de galinha, porco e gado, não tinha nada e a gente tinha que ir busca lá no Porto e ia um monte de homem tudo bem cedinho, por que a gente tinha de ir a pé, aqui ninguém tinha carro ou meio de transporte. Aqui também não tinha nada de plantação então a gente também tinha que ir compra no Porto ou lá no Taquaral (Comunidade do Município). No mês de Outubro não lembro de que ano faltou arroz, não tinha em lugar nenhum tinha um vizinho que tinha uma máquina aqui, e a gente fazia quirera de milho para comer, era um único jeito de não morrer de fome, e nós achava a melhor coisa do mundo.

Na época de chuvas o Rio Mestre Falcão ficava alagado e a travessia tinha que ser de barco. Conforme o entrevistado, nessa época chovia seis meses sem parar:

Quando chovia não tinha estrada não, do mês de outubro pra frente o transporte era só pelo Rio Arinos. Ele servia para levar gente para Cuiabá. Se alguém ficasse doente e precisasse de médico tinha de ir por água, mas só ia quem tinha dinheiro, e era pior por que acabava pegando

Malária. E o colonizador (empresa) não ajudava em nada não, nem com estrada, nem com médico. Nós tivemos tanta sorte que em casa e nos vizinho ninguém pego Malária, graças a Deus.

Condoendo-se do sofrimento dos colonos sem respaldo da firma, o pároco de Porto dos Gaúchos, Padre Ghunter mudou-se para Novo Horizonte, ajudado por opanistas da Operação Anchieta (OPAN, Operação Amazônia Nativa). O padre se pôs à disposição dos doentes e ajudava nos trabalhos, utilizando o veículo da paróquia (uma bicicleta). A cooperação entre os moradores do núcleo e colonos foi responsável pelo desenvolvimento da localidade. Segundo o relato do entrevistado:

A estrada foi feita no braço não tinha motosserra, mais era uma alegria danada, mas havia muitos animais perigosos, as onças, os catetos chegavam pertinho da gente. Só tinha casa aqui onde eu moro e em Novo Horizonte. Pra ir pra Tabajara e Novo Santo (comunidades do Município) só por meio da picada, tinha um cara que quando ele ia fazer as picadas ele deixava umas latas na beirada da estrada para que quando ele voltasse ele amarrava na cintura pra espantar os bichos. Os catetos vinham em bando, mais naquela época era muito mesmo, e como a gente tava abrindo estrada, nos tinha que subi nas árvores senão eles pegava a gente, tinha uma vez que eles invadiu aqui meu sitio que a gente teve que subir nas mesas. Mas uma vez a gente pegou pra matar eles e matamos uns doze (12) então mandamos um menino i na cidade para buscar o povo pra vir buscar carne do bicho.

Perguntamos; como era a cidade aqui?

Tinha muita morte, era muita bagunça, tinha uma casa onde ficava os Jagunços, e os Jagunços era quem mandava em Novo Horizonte. A vida aqui não era fácil não. Aqui só mioro quando virou município e passo a te prefeito e veio uns pulícias bons.

Perguntamos; por que o senhor pensa que a cidade de Novo Horizonte não se desenvolveu? Respondeu: “O povo antes de ir para Juara vinha para cá, mas como era tudo bagunçado iam pra Juara”.

Percebemos que o entrevistado estava ficando cansado e que estava chegando o horário de almoço e resolvemos terminar a entrevista.

A movimentação de ocupação definitiva do território de Novo Horizonte do Norte, no sentido de colonização, dependeu de um movimento anterior que fez surgir o município de Porto dos Gaúchos, e só aconteceu no final da década de sessenta.

Em 31 de maio de 1976, através da Lei n.º 3.718, foi criado o distrito de Novo Horizonte, sendo motivo de festa na comunidade. A Lei Estadual n.º 5.013, de 13 de maio de 1986, criou o município:

Artigo 1º - Fica criado o município de Novo Horizonte do Norte, desmembrado do município de Porto dos Gaúchos.

Artigo 2º - O município ora criado, é constituído de um só distrito, o da Sede.

Parágrafo Único - O município será instalado com a eleição e posse do prefeito, vice e vereadores, conforme a legislação federal.

As primeiras eleições municipais realizaram-se no dia 15 de novembro de 1986, quando foi eleito prefeito o Sr. Júnior Pereira Neves, tendo como vice Olindo Camporezi. Presidente da Câmara: Sr. Daniel Rodrigues de Oliveira, vereadores: Armando Lazarini, Antonio Cavalcante Dani, Daniel Borges Medeiros, Eurípedes Dias, José Antonio de Oliveira e Odimir Ferreira Lima. Todos cumpriram mandato de dois anos.

Os tópicos a seguir (Geografia e economia) foram retirados do site: “Portal do Mato Grosso”.

GEOGRAFIA

Altitude	275 m.
Distância da Capital	595 km.
Extensão Territorial	938 Km ² (IBGE) 896,54 km ² (Município)
Localização	Mesorregião 127, Microrregião 522 - Arinos. Norte mato-grossense.

Geográfica	
Relevo	Planalto Residual do norte de Mato Grosso. Serra dos Caiabís.
Formação Geológica	Coberturas não dobradas do Fanerozóico. Bacia Mesozóica Indivisa. Faixa móvel dos rios Negro e Juruena.
Bacia Hidrográfica	Grande Bacia do Amazonas. Para esta bacia contribui com a Bacia do Rio Arinos, que recebe pela direita os ribeirões Mestre Falcão e Água Boa.
Clima	Equatorial quente e úmido, com 3 meses de seca, de junho a agosto, periodicamente estendendo-se até o mês de outubro. Precipitação anual de 2.500 mm, com intensidade máxima nos meses de janeiro, fevereiro e março. Temperatura média anual de 24° C, sendo maior máxima de 40° C, e menor mínima 4° C.

ECONÔMIA

Na base econômica do município de Novo Horizonte do Norte destaca-se a agricultura, com as culturas de feijão e milho, mas atualmente tem havido um grande crescimento das plantações de lavouras de soja e arroz, principalmente na Fazenda Sete Irmãos e ao lado da Rodovia MT 338, sentido Novo Horizonte a Porto dos Gaúchos. Desponta a seringueira como fonte alternativa de renda, além do extrativismo de madeira: mogno, cerejeira, angelim, itaúba, cedro, champagne, jatobá. A pecuária está em franca expansão, segundo IBGE, no censo de 2010 existia cerca de 101.339 cabeças de bovinos. Mas desde então, a pecuária tem tido um avanço, principalmente com a instalação do confinamento, que abriga cerca de 13 mil cabeças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No geral as dificuldades para levantamento de dados e fontes, embora grandes, não serviram de entrave para a execução deste trabalho, que de forma muito breve traz alguns relatos de todo o processo de vinda e estabilização de um dos colonizadores do nosso pequeno Município, contribuindo com a construção da história do lugar onde moramos e também, dando a oportunidade aos acadêmicos de vivenciar tão precioso depoimento.

Agradecemos a este pioneiro, pois sem ele o presente trabalho não existiria. Trabalho este realizado na disciplina de História da Educação Regional com o apoio do Professor Amilton.

Esta pesquisa foi uma oportunidade maravilhosa que nos permitiu uma vivência extremamente incomum, uma vez que que não tínhamos noção dessas histórias vivenciadas pelos primeiros habitantes. Quando procuramos informações nos meios de comunicações atual, os fatos são poucos e superficiais, não nos permitindo esse acréscimo de conhecimento. Assim, o trabalho, possibilitou-nos conhecer um pouco mais sobre a história do Mato Grosso e do nosso Município, seus colonizadores e fatos históricos que ocorreram aqui.

REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

História da cidade de Novo Horizonte do Norte. Disponível em:

<<http://www.citybrazil.com.br/mt/novohorizontenorte/historia-da-cidade>>. Acessado em 14 de Julho de 2013.

IBGE, Dados estáticos do. Senso de 2010. Disponível em

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=510627>>. Acessado em 12 de Julho de 2013.

NOVO HORIZONTE DO NORTE, Economia do município de. Economia. Disponível em:

<<http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=190&cid=911>>.

Acessado em 14 de Julho de 2013.

NOVO HORIZONTE DO NORTE, Geografia do município de. Geografia. Disponível em:

<<http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=190&cid=910>>.

Acessado em 14 de Julho de 2013.

NOVO HORIZONTE DO NORTE, Prefeitura de. História de Novo Horizonte do Norte. Disponível em:

<<http://www.novohorizontedonorte.mt.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?iIdMun=100151078>>. Acessado em 12 de Julho de 2013.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.